



Entre sacizeiros, usuários e patrões:

**um estudo etnográfico sobre
consumidores de crack no Centro
Histórico de Salvador**

Luana Malheiro

GIESP/NEIP/ISC

O que é o crack??



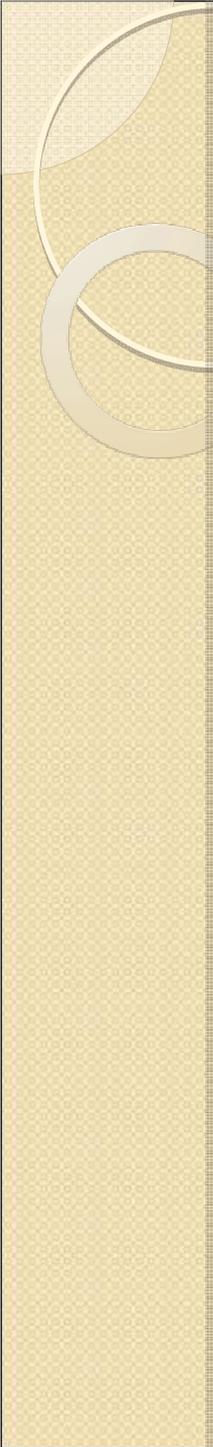
- 
- Crack: forma fumável de cocaína
 - Surgimento: 1986 em New York, LA e Miami
 - Crack: “champanhe das drogas”
 - Vendido por jovens africanos e latinos que moravam nos EUA, residente de bairros pobres
 - Produção caseira: diluição de pequenas quantidades de cloridrato de cocaína + bicarbonato de sódio ou amoníaco em água.

- 
- Política proibicionista EUA: proíbe a circulação do éter e acetona, necessário para a transformação da pasta base em cocaína,
 - Crack: possibilidade de manutenção do comércio de cocaína.
 - Proibicionismo cria o fenômeno da “epidemia do crack”



Razões para o sucesso do comércio de crack

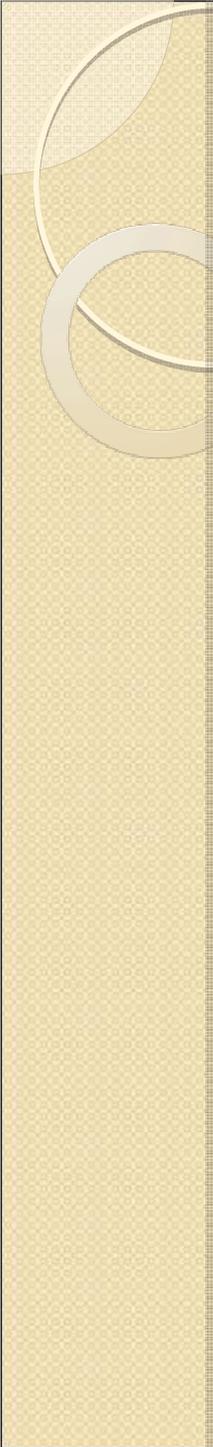
- Facilidade da produção caseira do crack
- Grande quantidade de jovens desempregados que vivem nos territórios de produção de crack.
- Melhores condições de trabalho, frente ao mercado formal.
- Melhor do que outros níveis de atividades criminais como assaltos e roubos

- 
- Rentabilidade na produção de crack: poucas quantidades de cloridrato possibilita grandes quantidades de crack,
 - Produção de baixíssimo custo,
 - Produz um efeito mais intenso do que a cocaína inalada em formato de pó.



Demonização do Crack: uma perspectiva histórica

- 1986 a 1992: Extremismo anti-drogas.
- Esta época é caracterizada pelas campanhas da mídia e de políticos americanos (EUA) sobre a “epidemia” ou “praga” do uso de drogas, especialmente cocaína-crack.
- O argumento era: A “epidemia do crack” está se espalhando rapidamente para cidade pelo subúrbio e estaria destruindo a sociedade

- 
- O frenesy anti-crack de 1986 até 1992 foi o ultimo de uma longa trajetória de pânico das drogas,
 - Período mais intenso “pânico das drogas” do sec. XX
 - Durante este período qualquer tipo de problema social era causado por um tipo de substância.



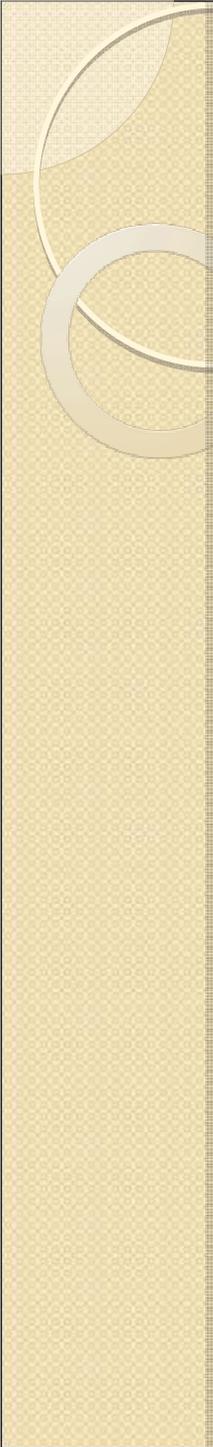
Contexto Político

- Regan: "As drogas são ameaçadoras da nossa sociedade"
- Militância anti-drogas
- Propostas políticas: Escola livre de drogas, expansão do tratamento para o uso de drogas, leis mais severas relacionadas ao uso e venda de drogas,
- Maior investimento em propagandas que sensibilizem o público

“ Apenas diga não”



- 
- 1986: Lei de Repressão Às drogas com orçamento de 1,7 bilhões de dólares
 - “Just say no”: “Campanha de conscientização sobre drogas, visando a desencorajar a população americana a engajar-se em um uso de drogas, oferecendo várias formas de dizer não”

- 
- Os políticos e a mídia abraçam o lema de Reagan de Guerra as Drogas e pronunciam que a Guerra as drogas será uma boa política social.
 - O conhecimento produzida nesta época era única e exclusivamente voltado para a Guerra as drogas, demonizando assim as drogas ilícitas.
 - Estudos de especialistas anti-drogas: foco no “uso problemático”
 - Especialistas anti-drogas + Mídia: importantes construção do imaginário guerra as drogas

- 
- 1986 - reportagens de capa denunciam o poder devastador do crack como uma praga que produz uma serie de outros males.
 - Meses depois, o New York Times retrata o crescimento do uso de crack entre grupos suburbanos e cidadezinhas rurais em New York.
 - O uso de crack era descrito como “uma doença que iria atacar a sociedade americana.”

- 
- Esta não é a primeira vez que a imprensa, políticos e os supostos especialistas e cientistas na America colocam a questão do uso de drogas como um problema social e responsabilizam populações “ameaçadoras”.
 - Demonização do crack recorre completamente da historia do USA independente do atual aumento do uso de drogas ou de problemas com drogas

- 
- A alerta da mídia e de especialistas locais não promoveram uma alternativa viável para se pensar usos problemáticos de crack,
 - A conseqüência da cruzada antidrogas e das políticas punitivas tem sido a profunda demonização das drogas e estigmatização dos seus sujeitos consumidores

DEMONIZAÇÃO DO CRACK PELA MÍDIA E AUTORIDADES LOCAIS

Campanha do crack: Governo do Estado da Bahia



Crack, dor da favela ao asfalto

Droga tipicamente paulista chega ao Rio atingindo os mais pobres e agora já causa danos à classe média

Francisco Édson Alves
falves@odianet.com.br

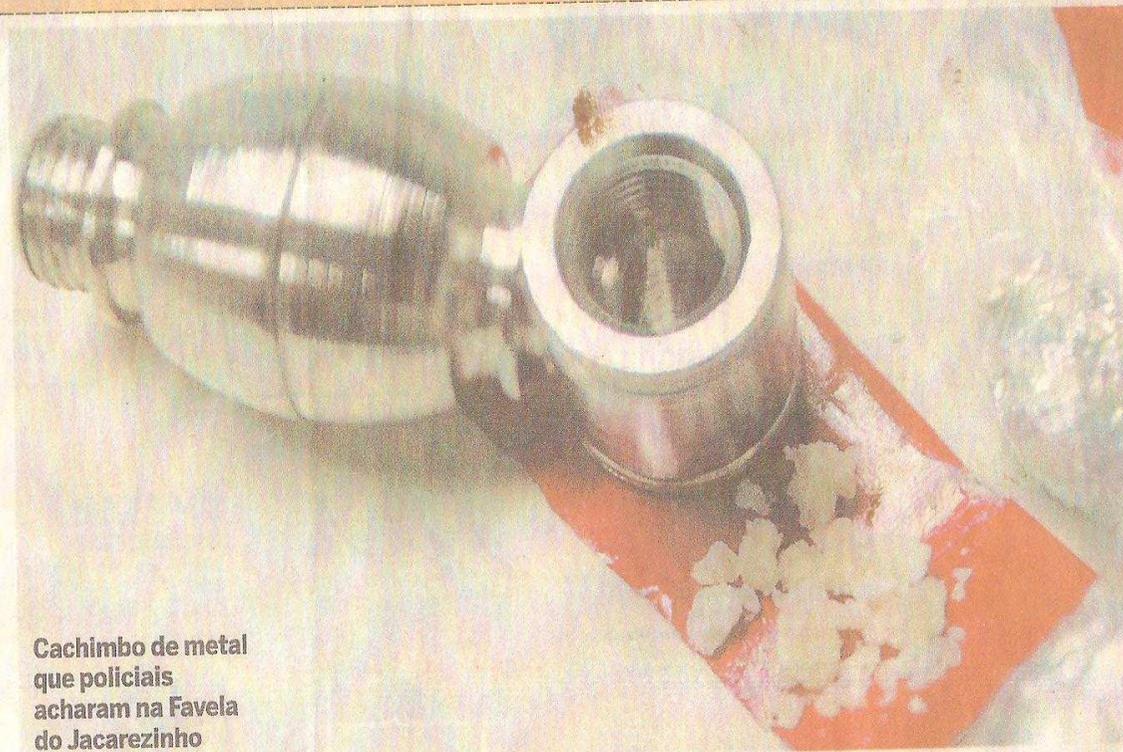
Embalados pela fumaça do crack, que invadiu as favelas do Rio, traficantes e consumidores estão deixando um rastro de tragédias sem precedentes nas comunidades. Especialistas alertam que jovens e crianças estão morrendo cada vez mais por causa dos efeitos devastadores da droga, em confrontos com policiais ou executados a mando de líderes do tráfico, que perdem o controle da

distribuição e amargam prejuízos milionários. No Rio, o consumo, antes restrito a jovens de baixa renda, já atinge garotos de classe média.

Preocupados, membros do Conselho Estadual Antidrogas (Cead) iniciaram, pela primeira vez, um estudo dos impactos que o crack, fumado em cachimbos ou injetado, está provocando. “Estatísticas disponíveis não traduzem a realidade. Precisamos de dados concretos para ações preventivas imediatas”, afirma Jorge Alves, 45

anos, diretor da Associação Carioca de Redutores de Danos, que integra o conselho.

De acordo com Alves, agentes da ACRD, ONG voltada para a prevenção de doenças contagiosas como Aids e hepatite, já convivem com o “caos instalado pelo crack”. “Visitamos cerca de 50 usuários, dos quais 10% são crianças entre 6 e 8 anos e 80%, jovens da classe média. Estão morrendo”, lamenta, lembrando que metade dos dependentes perde a vida em curto prazo e 70%



Cachimbo de metal que policiais acharam na Favela do Jacarezinho

Impacto é tão alarmante que o conselho estadual iniciou estudos recentes para reavaliação

não querem ou não conseguem se livrar do vício.

A escalada da violência é confirmada por agentes da 25ª DP (Engenho Novo). Na Favela do Jacarezinho, onde

30% das bocas-de-fumo vendem a droga, mais de 2 mil pedras do entorpecente foram apreendidas nos últimos seis meses — 600% a mais em comparação com 2006. Este ano, pelo menos 10 jovens teriam sido executados na região por causa de dívidas com traficantes.

“São jovens de 15 a 20 anos, que nunca tiveram passagem pela polícia”, diz o chefe de Investigações da 25ª DP, João Luiz Martins.

Na 17ª DP (São Cristóvão), policiais apreenderam

recentemente Jacarezinho, pedras de crack de metal forro mecânico. O mendado por classe média da’ foi abarviela da favela incursão”, ex operações de petor Marco lho. Das 81 por policiais de janeiro, 80 ção com o t

NUA NA PA

REDE CONTRA O
CRACK

GOVERNANCE

CRACK

REPENSAR.

- 
- Existe um outro caminho para se pensar e falar do uso de drogas que revela mais do que moléculas malvadas que causam ‘mal’ comportamento. Esta perspectiva foca nos fatores psicológicos, sociológicos e culturais que moldam motivações, experiências e comportamentos.
 - Para além de pensar o uso de drogas como uma enfermidade na vida do sujeito, cabe pensar o sujeito e o seu contexto social no encontro com a substância psicoativa

Crack no Centro Histórico de Salvador, Bahia

- Relatos do surgimento do crack em Salvador remete ao Centro Histórico em meados de 1996.¹
- Campanhas da mídia denunciam a “epidemia do crack” de forma semelhante ao ocorrido nos EUA.
- Mudança nos padrões de uso: drogas injetáveis ao crack.
- Hoje em dia é a área central de venda de crack para outros territórios da cidade, como relatam os interlocutores.

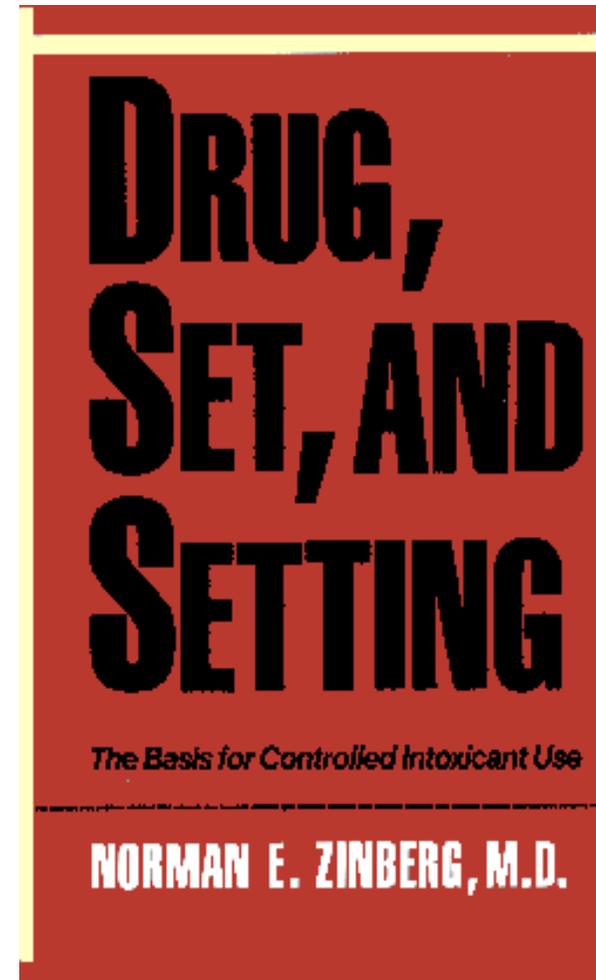


Experiências do Trabalho de Campo

- Trabalho de campo: 1 ano e 9 meses,
- Trajetórias de consumo de drogas
- Entrevistas em profundidade
- Acompanhamento dos interlocutores em suas atividades diárias

Cultura de uso

- “(...) *um conjunto de entendimentos comuns sobre a droga, suas características e a maneira como ela pode ser melhor usada*” Becker
- Aprendizado com a droga: Iniciante, usuário ocasional e usuário regular,
- Uso controlado X uso compulsivo



- 
- Norman Zinberg, Jean Paul Grund e Edward MacRae que em seus respectivos trabalhos enfatizam que o uso de drogas (mesmo as pesadas) não leva, necessariamente, a padrões de uso descontrolados ou nocivos.
 - Padrões de uso seriam sujeitos a diversos determinantes como: disponibilidade da drogas, tendências da época, estilos de vida, padronização cultural e contexto sócio-político de determinada época.

- 
- Os elementos da abordagem (disponibilidade da droga; valores, regras e rituais; estrutura de vida) são sujeitos a variáveis e processos externos distintos que vão desde fatores psicológicos pessoais e culturais (que estão necessariamente imbrincados) até regulamentos oficiais (controles sociais formais) e considerações mercadológicas.
 - Grund considera que, portanto, o uso de psicoativos não pode ser isolado do seu contexto social e, se referenciando em Zinberg, afirma que o controle sobre o uso dessas substâncias é principalmente determinado por variáveis sócio-culturais

Estrutura de
Vida

Auto-
regulação
do uso de
drogas

Disponibilidade
da Droga

Rituais e
Regras



Saziceiro, usuário e patrão

	<i>SACIZEIRO</i>	<i>USUÁRIO</i>	<i>PATRÃO</i>
Disponibilidade da Droga	Pouca	Regular	Muita
Estrutura de Vida	Precária	Estável	Estável
Padrão de consumo	Compulsivo	Controlado	Controlado
Etapas de consumo	Iniciante	Uso Regular	Uso Ocasional

- 
- “Aqui tem um cotidiano que é o seguinte, tem pessoas que tem o auto-controle para usar, sair, voltar mas tem outras não que só fica se atiçando mesmo. Se atiça no bagulho e fica naquele negócio, não quer se cuidar, vende tudo o que tem e tal, esse é o sacizeiro, a gente não aprova. mas tem os brod que corre atrás também, que somos nos os usuários.” JC



Rituais Sociais

- comportamento estilizado prescrito em relação ao uso de alguma substância psicoativa. Para a sua descrição e necessário estar atenta a (Zinberg, 1984):
 - a) métodos de aquisição e gestão da drogas,
 - b) seleção do contexto físico e social para o uso,
 - c) atividades empreendidas após a administração da drogas,
 - d) métodos de prevenir possíveis efeitos indesejados,
 - e) Construção de sanções sociais formais e informais,

Métodos de aquisição e gestão da droga:



Técnicas de preparo: o crack e a “borra”

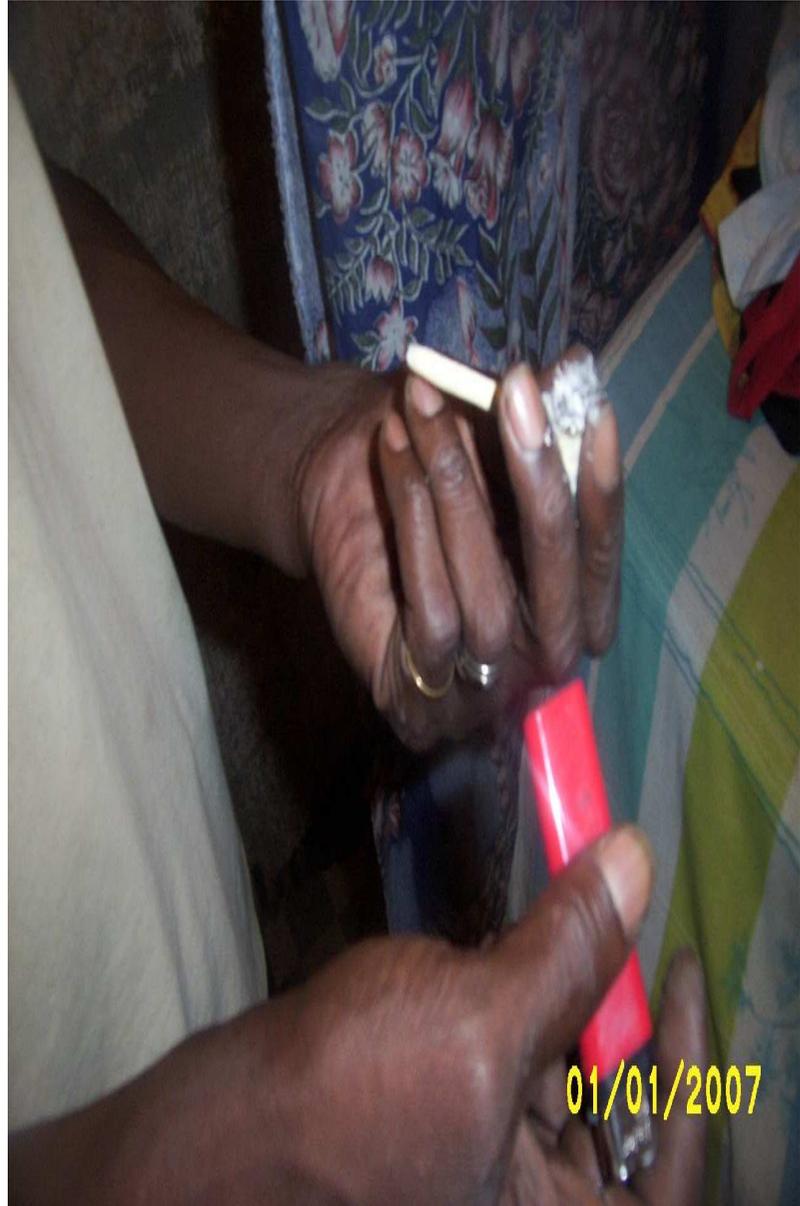


Seleção do contexto físico e social para o uso

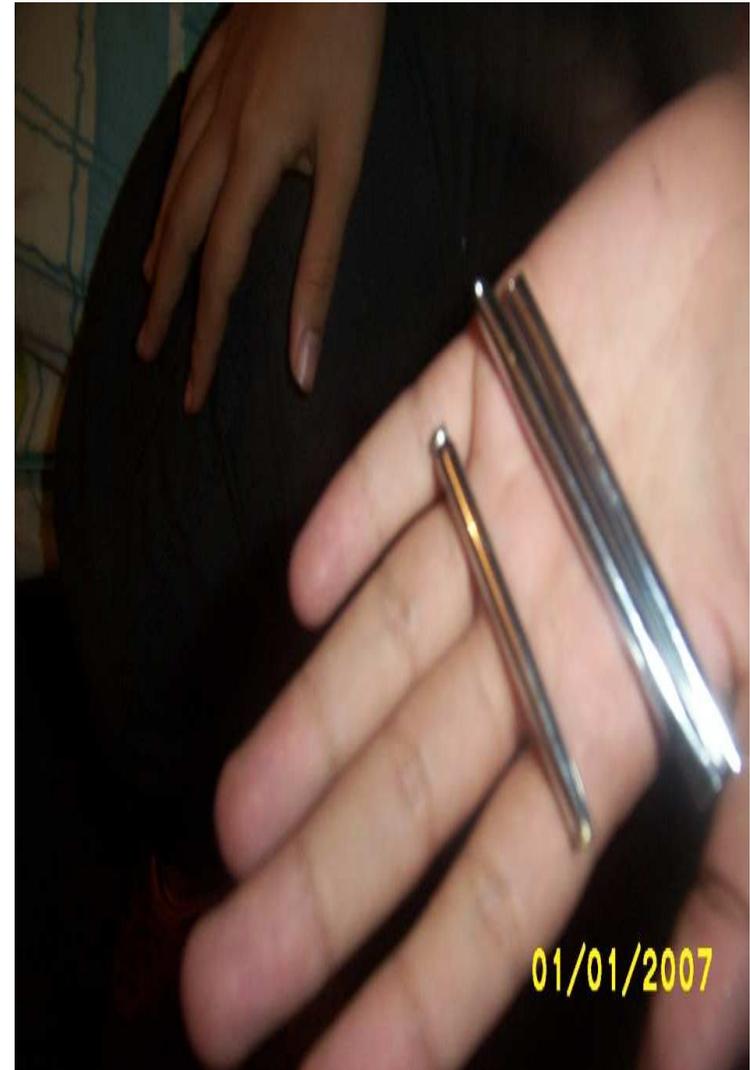


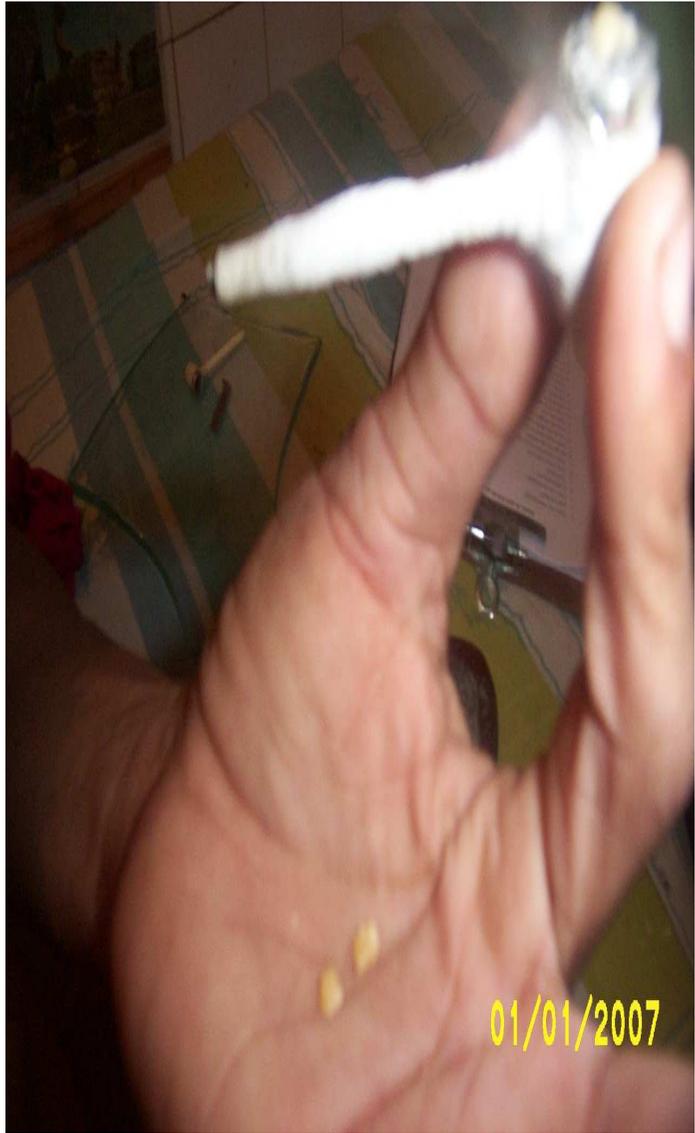
Atividades empreendidas após a administração da droga





Instrumentos de uso





Métodos de prevenir possíveis efeitos indesejados

- Uso de “pitolho”:
maconha com crack
- Seleção do local de uso seguro evitando “covardia”,
- Seleção de pessoas de confiança evitando a paranóia,





“ a pessoa pode até sentir, mas o sono que é bom não vem, só depois que a pessoa usa, se fumar um baseado certo? Eu acho que o pitilho não deixa o pânico de querer mais como fumando crack no cachimbo deixa,...eu não..eu já experimentei umas vezes e percebi que não deixa a pessoa no pânico de usar mais, a lombra é outra é diferente, não deixa a pessoa tão no pânico como usando no cachimbo, o crack, e é totalmente diferente do pitilho porque até a lombra bate de outro jeito, deixa a pessoa relax mesmo, a pessoa se quiser fumar outro fuma mas...Tem o auto-controle, mais seguro do que no cachimbo”. JC, 36 anos, usa crack a 15.

- Pitilio → estratégia de auto controle.
- 2008 - A Farmacologia Social do Crack: O uso do "pitilho" (cigarro de crack e maconha) entre jovens moradores de distritos pobres de Salvador – Bahia – Brasil. Andrade, Tarcisio e Santiago, Laita.

- 
- 2000 - O uso terapêutico de cannabis por dependentes de crack no Brasil; Labigalini, EJ Em Mesquita, F & Seibel, Consumo de drogas, DESAFIOS e Perspectivas. Hucite: São Paulo, 2000, p 173-184

O estudo demonstrou que a maconha pode ser um recurso terapêutico para a dependência de drogas pesadas. Num estudo com 20 pacientes, estes conseguiam ficar abstinidos de crack e cocaína quando passavam a fumar maconha. Segundo o autor, a maconha é um produto feito sob medida para combater a dependência de crack e cocaína, porque estimula o apetite e combate a ansiedade, dois problemas sérios para cocainômanos.



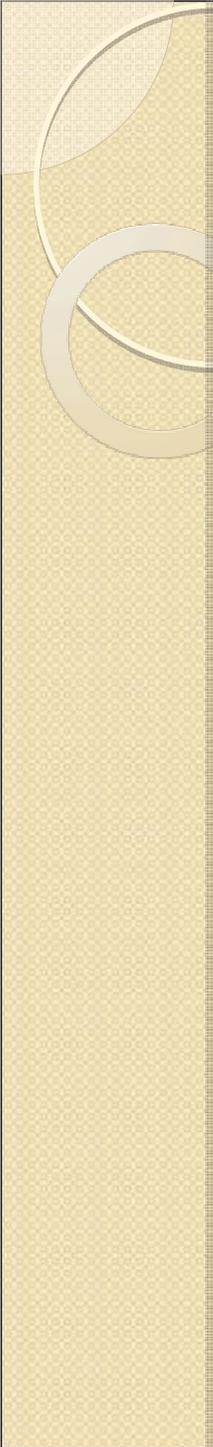
Controle Social de classes “perigosas”

- Resocialização perversa,
- Encarceramento
- Medicalização
- “ considerar que uma pessoa vive nas ruas porque sofre de dependência ao álcool, é viciada em drogas ou tem problemas de saúde mental, e por tanto, procurar um remédio médico a um problema, apresentado definitivamente como uma patologia individual, que deve ser tratada por um profissional de saúde”(Wacquant, 2007).



Como trabalhar em campo???

- Dialogar com o usuário no sentido de compreender as suas estratégias pessoais de consumo e gestão da droga ao longo de sua vida → estas estratégias, chamadas de rituais sociais de uso, podem subsidiar estratégias de RD,
- Deve possibilitar a construção de sujeitos cogestores (cogestão definida como compartilhamento de poder) de saúde, tendo como pano de fundo seu horizonte de experiências vividas na comunidade, retirando, assim, o lugar da reflexão sobre estratégias de produção de saúde de gestores institucionais que, por vezes, desconhece a realidade dos usuários, para a emergência de novos sujeitos atuantes e implicados neste processo



O saber do usuário e a construção de estratégias de saúde

- A construção de estratégias de saúde deve ter como pano de fundo as experiências vividas pelos usuários de drogas, isso faz com que os acordos estabelecidos entre técnico e usuário partam de necessidades reais do mundo do usuário,
- O técnico deve estar ciente que ele vai a todo momento estabelecer acordos com o usuário, no sentido de se chegar a um acordo possível para o consumidor,



LUANA.MALHEIRO@GMAIL.COM

- GIESP: www.giesp.ffch.ufba.br
- Neip: www.neip.info